

Editorial

A era dos desastres ambientais

Marcelo Lopes de Souza

O presente número de **AMBIENTES** aparece em um momento muito triste da história brasileira, em especial da porção meridional do país. Neste final de junho de 2024, o Rio Grande do Sul mal começou o longo e penoso caminho da recuperação daquela que foi, seguramente, a pior catástrofe ambiental de sua história: as inundações e os deslizamentos associados às fortes e persistentes chuvas de fim de abril e começo de maio cobraram mais de duzentas vítimas fatais (172 mortos e 42 desaparecidos) e centenas de milhares de pessoas fora de suas casas, entre desalojados e desabrigados. Isso sem contar milhares de animais mortos – bois e vacas, cavalos, porcos, aves, cães e gatos. Inúmeras residências se perderam para sempre ou tiveram de ser provisoriamente abandonadas, com muitos gaúchos testemunhando o fim de seus móveis e pertences, o perecimento de seus animais, a devastação de suas plantações e a morte de seus parentes, amigos e vizinhos. Além das muitas perdas humanas e de outros seres vivos, imensos foram os danos e a destruição materiais e o colapso das infraestruturas – de pontes e silos a portos e aeroportos. Uma tragédia sem igual.

Não obstante, seria muito superficial e até mesmo tolo e irresponsável culpar apenas as chuvas – ou, mais amplamente, as mudanças climáticas globais, com seus cada vez mais frequentes e imprevisíveis eventos extremos – pela calamidade que se abateu sobre o Rio Grande do Sul (ou sobre o sul da Bahia e o norte de Minas Gerais entre o fim de 2021

e o começo de 2022, ou sobre a Região Serrana do Rio de Janeiro em 2011 e 2022, e assim sucessivamente). Mas é nessa superficialidade irresponsável que tem incorrido, sistematicamente, a grande imprensa. Pouco, muito pouco tem sido veiculado, na mídia corporativa, a respeito dos desmatamentos (de matas ciliares e em geral) e de outras ações e omissões que contribuíram e continuarão a contribuir, em escala local e regional, para inundações e movimentos de massa de proporções trágicas. Pelo contrário: a desmontagem da legislação ambiental – que se acelerou tremendamente com a “passagem da boiada” promovida pelo ex-ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, sob a batuta de Jair Bolsonaro, mas que não foi totalmente interrompida pela mudança da conjuntura política nacional em 2023 – tem sido objeto de menções nada mais que esporádicas na imprensa; menções, além do mais, comumente desprovidas de contextualização e análise sistemática.

Apesar dos relativos silêncios e da ausência de profundidade de tratamento do assunto pela grande imprensa, e apesar das bobagens e desinformações negacionistas que prosperam nos porões (ou esgotos) das redes sociais, as tragédias não vão sumir. Não vão tornar-se menos frequentes. Não vão se revelar episódicas. Elas vieram para ficar, ao que tudo indica. Em livro importante e famoso, publicado originalmente em 1994 (*The Age of Extremes*), Eric Hobsbawm nos propunha pensar o “curto século XX” (1914-1991) como uma “era dos extremos”. Poderíamos atualmente parafrasear o grande historiador e dizer, ao mesmo tempo complementando e atualizando seu título, que estamos, desde um certo tempo, vivendo em uma “era de eventos climáticos extremos”. Essa formulação, porém, além de pouco elegante, seria insuficientemente abrangente, e até mesmo pouco precisa. Aquilo que vivenciamos, e que experimentaremos com crescente intensidade em escala planetária, é, na verdade, uma *era dos desastres ambientais*.

Se o sociólogo Ulrich Beck, quase quarenta anos atrás, já nos anunciava uma “sociedade do risco”, o diagnóstico, agora, pode ser feito de maneira mais dramática: conviveremos com inundações e deslizamentos (entre outros fenômenos) de modo cada vez mais preocupante e frequente, em meio a um mundo despreparado para enfrentar as

consequências de fatores que, aceitemos ou não, remetem à forma como o capitalismo desorganiza e reorganiza o espaço geográfico. Não, não é o “Antropoceno”, como muitos se habituaram a repetir; não é muito justo culpar generalizadamente a “humanidade” (o *anthropos*) pelos desdobramentos de um modo de produção em particular, o qual, com seu imperativo de acumulação, devora vidas, traga e pulveriza esperanças, enfeia paisagens, empesteia rios e mares, polui solos e o ar que respiramos. Mais correto aceitar, como alguns já propuseram, que, se é para usar uma palavra que rotule o período em que fatores antropogênicos passaram a modelar o relevo em grande escala (aterros, desmontes de morros, abertura de túneis, drenagem de pântanos), afetar o próprio clima global e até mesmo causar uma sexta extinção em massa, que essa palavra seja *Capitaloceno* – pois é a expansão do capitalismo, abarcando todos os rincões do planeta, convertendo tudo (“natureza primeira”, cultura, saúde, educação, honra, sentimentos) à lógica da produção de mercadorias e da precificação e colonizando todas as esferas da vida social, que nos meteu nessa entaladela. Da qual, assumo-se, não sairemos com facilidade.

Ecosistemas degradados e devastados, biomas inteiros ameaçados; aquecimento global até o momento irrefreável, a despeito dos protocolos, dos acordos e dos muitos (e pouco úteis) encontros de cúpula; em um país como o Brasil, legislação ambiental enfraquecida, ao invés de ser fortalecida. Já nem mesmo furacões e tufões, por exemplo, podem mais ser vistos como puramente naturais, uma vez que sua dinâmica tem sido mais e mais influenciada por fatores antropogênicos que remetem, na sua essência, à industrialização capitalista e suas emissões de gases de efeito estufa. Em maior ou menor medida, a complexidade que nos engolfa a todos, humanos e não humanos, mas cujos aspectos deletérios costumam sacrificar especialmente os mais vulneráveis (humanos pobres e nossos companheiros não humanos), exige não apenas uma melhor compreensão: exige debate coletivo urgente e amplamente disseminado, e exige, enfim, atitudes práticas. Exige, podemos dizer, várias coisas, designadas por apalavras terminadas em “ação”: informação, mobilização e organização. Coisas que não devem ser esperadas do Estado capitalista, cúmplice (quando não coprotagonista) dos desastres. Essas coisas,

para fazerem sentido ou terem alguma efetividade, necessitam ser conquistadas, construídas a partir de baixo e pelos de baixo. Ou será assim, ou, arrisco dizer, não será.



A *lama*, diga-se de passagem, poderia ser tomada, metonimicamente, como o símbolo dos desastres que nos maltratam na contemporaneidade – e, sobretudo, aos mais pobres e seus corpos estigmatizados e desvalorizados. Aproveito, então, para ilustrar este editorial com as pungentes imagens captadas pela câmera de dois fotógrafos brilhantes, que gentilmente autorizaram a sua reprodução em nossa revista.

A fotógrafa ambiental e estudante de Geografia **Érica da Cruz Moreira** nos oferece três fotografias. Todas as fotos foram tomadas alguns meses após as tragédias ocorridas em Petrópolis em fevereiro e março de 2022, e que cobraram 93 vidas só no Morro da Oficina, retratado por Érica. A primeira foto nos mostra o interior de uma residência, tornado visível quando as paredes foram literalmente arrancadas e levadas pelo movimento de massa que destruiu, no total, cinquenta casas. A segunda fotografia traz o interior de uma casa com vários móveis total ou parcialmente cobertos por uma espessa camada de lama ressecada. Por fim, a terceira foto é a própria imagem da capa, só que, desta vez, apresentada sem corte, e que destaca alguns pertences encontrados em uma das residências atingidas – testemunhos de memórias soterradas e vidas arrancadas.





Água e lama também estão presentes nas quatro fotos cedidas pelo fotógrafo **Thales Renato Ferreira** (PMSL/Mídia NINJA). Thales nos traz imagens de uma tragédia mais recente e de ainda maior magnitude, a combinação de inundações com deslizamentos que devastou o Rio Grande do Sul entre abril e maio deste ano. Da família ilhada no telhado de sua casa (primeira foto) aos cavalos mortos e já em decomposição (última foto), passando pelo interior de uma residência, cujas marcas de água barrenta nas cortinas evidenciam a altura atingida pelas águas, e pela dor de uma idosa ao voltar à sua casinha, encontrando seus pertences e utensílios danificados ou inutilizados pela lama (segunda e terceira fotos, respectivamente), tudo é desolação e tristeza. Todas as imagens foram obtidas em diferentes dias do mês de maio, e se referem ao município de São Leopoldo, situado na porção setentrional da Região Metropolitana de Porto Alegre. Um dos muitos municípios catastroficamente afetados pelos eventos extremos no Rio Grande.





Por último, todas essas imagens se acham complementadas pela própria capa do livro de **Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves**, *Onde você está nessa lama?*, cuja resenha se acha ao final desta edição. “Onde você está nessa lama”, informe-se já aqui,

foi o grito de desespero de uma mãe diante da tragédia de Brumadinho, em Minas Gerais, onde, em janeiro de 2019, uma barragem de rejeitos (controlada pela Vale S.A.) se rompeu, custando a vida de 270 pessoas – entre elas o seu filho. Lama, dor, indignação. Irresponsabilidade. Lucros. Crime. Impunidade...



O número de **AMBIENTES** que o leitor ou a leitora tem em mãos contém um dossiê, intitulado *Extratativismo mineral no Brasil: corporações, resistências e movimentos sociais*, com seis artigos, e mais um artigo fora do dossiê, além de uma entrevista, um texto da seção “direto da Luta” e uma resenha. Quanto aos artigos do dossiê, os seus organizadores, como é de praxe, tecem comentários sobre os trabalhos em sua apresentação. Irei me concentrar, assim, nos próximos parágrafos, a comentar as demais contribuições.

O artigo “De los límites planetarios a los límites sociales: Un argumento a favor de la autolimitación definida colectivamente”, de autoria de **Miriam Lang** e mais 28 colegas, foge ao padrão de tamanho estabelecido por **AMBIENTES**; se, contudo, toda regra admite exceções, essa é plena e particularmente justificável. Com suas 75 páginas, o artigo em questão corresponde à republicação de um texto que, originalmente, apareceu em inglês. Ele reúne quase três dezenas de autores, vários deles sendo nomes internacionalmente muito conhecidos e respeitados, em torno da tarefa de interpelar a noção de “limites planetários”. Essa noção, como os autores de partida salientam, mudou radicalmente o vocabulário e a representação das questões ambientais globais. Em face disso, eles trazem, por meio do conceito de *limites sociais*, uma contribuição de cunho crítico, a partir da perspectiva das ciências sociais, com a finalidade de permitir uma compreensão mais nuançada e complexa da natureza social dos limites. Após uma análise dos pontos fortes e fracos da ideia de “limites planetários”, Lang e seus colaboradores se debruçam sobre as sociedades capitalistas, que, com sua dinâmica expansiva, as relações de poder tipicamente muito assimétricas e os diversos obstáculos inerentes às sociedades moder-

nas, engendram relações sociais que, como eles sublinham, são incompatíveis com as dinâmicas da natureza. A *autonomia coletiva* e a *política de autolimitação* surgem como ideias-chave – já discutidas por vários pensadores importantes, a começar por Cornelius Castoriadis e André Gorz –, e que são especialmente valorizadas pelos autores. Tais ideias irão se relacionar com propostas e experiências fundamentais para se (re)pensar o *bem-estar*, à luz do qual a avaliação do papel do Estado e a formulação de abordagens radicalmente alternativas são crucialmente relevantes. **AMBIENTES** considera que a publicação de tão importante artigo em espanhol facilitará, em nosso continente, o debate ao redor de uma temática cuja discussão se mostra essencial e urgente.

A entrevista “Vida, palavra-chave”, foi colhida pelas professoras **Carmen Susana Tornquist** e **Renata Rogowski Pozzo**, do Programa de Pós-graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), junto a **Luiz Fernando Scheibe**. Já aposentado, mas trabalhando ativamente em várias frentes, da pesquisa ao ativismo ambiental, Luiz Fernando Scheibe, ou simplesmente Scheibe (como é conhecido por colegas e amigos), é professor voluntário da Universidade Federal de Santa Catarina, atuando nos Programas de Pós-Graduação em Geografia e Interdisciplinar em Ciências Humanas daquela instituição. Como alguém que teve a iniciativa de criação da Rede de Pesquisadores em Geografia (Socio)Ambiental, que publica **AMBIENTES**, dou meu testemunho de que Scheibe, além de ter integrado o grupo fundador da rede, permanece sendo um de seus membros mais atuantes e presentes. A entrevista conduzida pelas colegas Carmen e Renata é um presente para os nossos leitores, inclusive por, em meio a tantas tragédias, celebrar a vida e enfatizar a importância crucial do envolvimento dos geógrafos e outros cientistas ambientais nos debates e nas causas que nos desafiam, no Brasil e no mundo.

A seção *Direto da Luta*, neste número, traz os depoimentos de Jaci do Nascimento e Maria Sueli Barreto, moradores do bairro de Santa Cruz, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Os relatos de Jaci e Sueli, respectivamente um pescador artesanal e uma “dona de casa”, foram colhidos por mim mesmo e pelo colega **Thiago Roniere Rebouças Tavares**,

da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Os dois moradores, há décadas residentes no bairro, foram testemunhas da chegada da Thyssen-Krupp Companhia Siderúrgica do Atlântico (TKCSA), em 2006 (em 2017 rebatizada como Ternium Brasil), e têm sido, desde então, testemunhas também dos impactos negativos da empresa (uma das maiores siderúrgicas da América Latina) sobre a saúde dos moradores e a atividade dos pescadores, devido à poluição atmosférica e hídrica. Testemunhas, porém, nada passivas: eles têm sido, também, agentes de crítica e denúncia da injustiça ambiental sofrida em Santa Cruz.

Por fim, a resenha do livro *Onde você está nessa lama?*, de **Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves**, ficou a cargo de **Eguimar Felício Chaveiro**, professor do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG). Com sensibilidade ímpar, Eguimar Chaveiro nos conduz pela obra, contextualizando-a um pouco à luz da biografia do autor, cujo comprometimento cidadão é ressaltado. Há livros para serem lidos, outros para serem estudados; e há, finalmente, os que comovem, coisa muito rara em meio à aridez da prosa científica. Como bem ressalta Eguimar Chaveiro em sua resenha, o livro de Ricardo Assis Gonçalves é um livro de Geografia e literatura, a um só tempo. Porém, mais do que isso, *Onde você está nessa lama?* é daqueles livros que comovem – a começar pelo título e pela história que está por trás dele.